

ANA NUNES

O MOINHO MALDITO

coolbooks

1

A chegada oficial da convenção

No pátio da Casa das Cinco Pedras, o *Sam* corria aos círculos a abanar a cauda. O Lucas arrastava um pesado *trolley*; sentiu o dedo do pé ser esmagado por uma das rodas e, em surdina, praguejou de dor, não fosse *mademoiselle* Gigi ouvir. A irmã seguia-o, transportando uma grande pasta preta e, para quem a conhecia, estava com aquela expressão que *adivinrava tempestade*.

– Devias ter mordido a língua quando ofereceste ajuda – resmungou.

O Lucas encolheu os ombros. Já estava habituado aos ataques de mau génio da irmã; o melhor seria não ligar e deixar passar os *raios e coriscos*. Agora, só queria despachar aquele malão para correr ao encontro dos amigos, Constança e Vicente. No momento em que se conheceram, tinham descoberto uma perigosa quadrilha de traficantes

e uma passagem secreta que ligava a capela da Casa das Cinco Pedras ao castelo. Desde então, tinham ainda encontrado uma série de artefactos roubados, desvendado um estranho desaparecimento de minérios e resgatado uma inspetora da Polícia Judiciária em apuros. Os quatro (e o *Sam*, claro!), juntos, já haviam passado por aventuras fantásticas.

Estas não eram realmente umas férias normais! De certa forma, o rapaz percebia o desânimo da irmã.

O peculiar acontecimento que dera origem ao estado quase-à-beira-de-um-ataque-de-nervos de Ema fora a chegada de uma amiga da *mademoiselle* Gigi. A rapariga chegara a ironizar: «Boa... Vamos ter uma convenção de *mademoiselles*!»

A situação não seria motivo para alarme, caso a visita não se viesse a prolongar por várias semanas. «Meses ou anos!», profetizara a Ema. O que eles mais receavam – eles é exagero, a Ema receava – era que lhes estragassem a desejada temporada de férias.

Pelo que tinham entendido, as hóspedes traziam uma missão delicada e morosa para cumprir: *mademoiselle* Louise, a mais velha, era uma famosa artesã, dedicada à conservação e restauro de peças de arte valiosíssimas; a mais nova, *demoiselle* Mirelle, era uma *au pair*.

«Tipo acompanhante para todas as viagens...», comentara a Ema perentória, numa reunião de emergência convocada por Skype, quando Constança e Vicente lhe tinham perguntado o significado de *au pair*.

Por incrível que lhes parecesse, *mademoiselle* Louise Beaumont tinha comprado um moinho abandonado próximo do castelo.

«Para quê?», perguntaram os dois jovens em uníssonos, no momento em que o pai lhes explicara a prolongada visita.

«Para que, depois de restaurado, o moinho sirva de *atelier* e, quem sabe, como um espaço para exposições», respondera o embaixador Meneses.

«Com tantos moinhos pelo país fora e tinha mesmo de escolher um aqui...», lamentara a Ema.

«A *mademoiselle* Louise vem trabalhar no restauro de peças de uma coleção», dissera o pai, «e a *mademoiselle* Gigi pediu-me para a receber na nossa casa. Ora, Ema, não faças essa cara! Não podia recusar o pedido da Gigi, ela tem sido mais do que governanta desta casa. Será um enorme prazer convivermos com aquela senhora; vamos ser simpáticos e cordiais!»

E fora justamente isso o que o Lucas fizera: mostrara-se cordial e pegara no *trolley* de *demoiselle*

Mirelle, assim que a bagageira do automóvel abri-
ra. Do cimo das suas sandálias brilhantes de salto alto,
a *au pair* lançara-lhe um ar angelical, sorrindo
agradecida. Por seu turno, a Ema olhara descon-
fiada para o irmão e pensara: *Tantas atenções?! Não*
seria caso para admiração: a francesa aparentava
ter vinte e poucos anos, tinha um corpo escultu-
ral e umas sardas que pintalgavam graciosamente
o seu rosto moreno.

Enquanto os dois irmãos e o motorista do em-
baixador transportavam a bagagem para os quartos
destinados às hóspedes, as três francesas recolhe-
ram-se na sala.

Assim que poisaram os pertences no chão en-
cerado dos quartos, a Ema e o Lucas precipita-
ram-se escada abaixo. Estavam esfomeados e de
certeza que a Maria da Luz teria um belo lanche
para eles.

Não se enganaram. Na grande cozinha em
pedra, a reboluda cozinheira afadigava-se à volta
de uma longa bancada.

– Querida Maria da Luz! – exclamou a Ema,
abraçando a desembaraçada senhora. – Que lanche
maravilhoso é que tens para nós?!

– Ai, ai, ai, menina! Aí vem o diabrete em pes-
soa, com vontade de assaltar a minha despensa

– brincou a cozinheira. – Mas, olhe... parece que não são só os meninos a participar no assalto!

Nesse instante, o *Sam*, estendido debaixo da mesa da cozinha, dava o sinal de aviso à aproximação de alguém conhecido. A cauda felpuda dançava desenfreada e o cão latia de felicidade.

No parapeito de uma das janelas, apareceram dois rostos sorridentes.

– Constança! Vicente! – gritou o Lucas. – Ainda bem que vieram!

Cumprimentaram-se efusivamente. Só nas interrupções letivas é que surgia a oportunidade para se encontrarem, pois Lucas e Ema frequentavam um colégio.

– Vamos lá ver... Quais são as novidades? – indagou o Vicente, deliciando-se a afagar o pelo sedoso de *Sam*. – As vossas visitas já chegaram?

– A *demoiselle* e as *mademoiselles* estão na sala a beber chá e a comer croissants... – informou a Ema, num tom zombeteiro.

– Mas não são todas *mademoiselles*? – admirou-se a Constança.

– Nã, nã, nã... é muito mais complicado do que imaginam – esclareceu o Lucas. – Pelos vistos, *demoiselle* é o tratamento para uma jovem solteira, e *mademoiselle* é utilizado para...

– Para solteironas de meia-idade ou mais velhas!
– completou a Ema.

– Menina! Se a *mademoiselle* Gigi a ouvisse!
– avisou a cozinheira muito séria; mas a Constança reparou que os cantos dos lábios se lhe franziam, como se ensaiassem um sorriso.

– Certamente, dir-te-ia que é o que te espera: ficas solteirona – replicou o Vicente, com ar de sonso.

A Ema deitou-lhe um ar furioso e replicou secamente:

– Depois, a gente fala...

Espera-me uma cotovelada nas costelas ou pior, pensou o rapaz. A amiga era conhecida como a guarda-redes mais temida da sua equipa de hóquei e nunca virava costas a uma desforra dura. Ainda a sorrir, apreciou a amiga que, ruborizada com o comentário, agitava o rebelde cabelo arruivado. *Ela continua gira quando se zanga. Aquele cabelo combina às mil maravilhas com a sua maneira de ser irrequieta e difícil de controlar!*, deduziu mentalmente o Vicente.

A Maria da Luz apressou-se a dispor na mesa um lanche de fazer crescer água na boca, antes que aqueles dois diabretes continuassem as hostilidades.

– Anteontem, eu e a Ema fomos de bicicleta até

ao moinho da *mademoiselle* – informou o Lucas, abocanhando uma deliciosa empada de galinha. – Não vimos ninguém, mas pareceu-nos praticamente pronto.

A cozinheira deu um estalido seco com a língua.

– O que foi, Maria da Luz? – perguntou o Lucas, intrigado com o ar de desaprovação.

– Problemas, menino... serão o que vão arranjar!

– Como assim?!

– Dizia-se, noutros tempos, que esse moinho era maldito. E ainda dizia a voz do povo que a maldição estava relacionada com um lobisomem que por lá andava.

Quatro pares de olhos encontraram-se num enorme ponto de interrogação e, em seguida, transformaram-no num gigantesco ponto de exclamação: Um moinho com uma maldição? Superfixe!!!

– Um lobisomem? Conte-nos melhor essa história – pediu o Vicente, com os olhos a faiscarem de entusiasmo.

A cozinheira benzeu-se. Eles seguiram-lhe o olhar no sentido das largas janelas da cozinha, por onde se vislumbrava a encosta em que se erguia o imponente castelo de Sesimbra, e prepararam-se para ouvir mais uma das fantásticas histórias a que se haviam habituado.

– Conta-se que, certo dia, um caseiro recolheu em casa um criado para trabalhar na quinta, lá para as bandas do castelo. Passado algum tempo, o homem começou a aperceber-se que, durante a noite, havia ruídos estranhos vindos do sítio onde o criado dormia...

Maria da Luz parou durante um nanossegundo para contemplar os rostos dos seus ouvintes. Os quatro amigos bebiam-lhe as palavras, ansiosos pelo desfecho. De todos, talvez fosse Constança aquela que mais se empolgava com a história; para além de ser uma adepta convicta de *fenómenos fora do comum* – os outros estavam sempre a gozá-la pelo facto –, achava que a cozinheira era a melhor contadora de histórias do mundo.

– O caseiro resolveu tirar tudo a limpo e pôs-se a vigiar o criado, acabando por descobrir que era costume, à meia-noite, ele sair de casa. Certa noite, numa noite de lua cheia, esperou que ele saísse de casa e foi no seu encalço. Seguiu-o até à colina do moinho, escondendo-se por entre árvores e arbustos, e, apavorado, assistiu à transformação do criado num medonho... enorme... repugnante... aterrador lobisomem...

– Oh... meu... Deus... – interrompeu a Constança, estarrecida com a descrição.

Histórias de arrepiar e de encantar

– Chiuuuuu! – ralharam os outros.

– Continue, Maria da Luz, por favor – pediu o Vicente, presenteando a irmã com um olhar ameaçador.

A cozinheira sorriu e prosseguiu:

– No cascalho junto ao moinho, a terrível criatura espojava-se no chão, agonizando e soltando urros lancinantes. As dimensões do corpo aumentavam, as unhas transformavam-se em garras e, nas enormes mandíbulas, sobressaíam grandes punhais afiados. Em seguida, a besta, completamente transformada, lançou um horripilante uivo que ecoou pelo vale. Dizem que o seu bafo fétido foi o responsável pela maldição que caiu naquele moinho, pois, a partir daquela altura, o vento nunca mais se encontrou com as suas velas.

– O castelo com uma moira encantada... Agora,

um moinho maldito e um lobisomem... Uaaaau!!!
– exclamou o Lucas.

O Vicente replicou:

– Uma caderneta cheia para a Constança! Uma delícia para o teu mundo encantado de maldições...

A rapariga ignorou a provocação do irmão. Não lhe estava a apetecer nada, mas mesmo nada, discutir a propósito do assunto pelo qual era frequentemente troçada. A sensação era inexplicável, no entanto, enquanto ouvira a história do moinho maldito sentira um arrepio percorrer-lhe as costas. Seria o prenúncio de alguma coisa? Desejou que assim não fosse. Apetecia-lhe ter umas férias descansadas, sem os atropelos de mais aventuras.

Como que para interromper os pensamentos de Constança, o *Sam* levantou-se, ganiu baixinho e encaminhou-se para a porta da cozinha.

– O paizinho chegou! – anunciou a Ema, conhecedora dos códigos da linguagem de cão.

Foram todos cumprimentar o senhor Meneses, aproveitando, imediatamente, para relatar a história que a cozinheira lhes havia contado.

Observando serenamente as caras dos jovens, ele replicou:

– O que me contam acaba por ser uma curiosíssima coincidência; curiosa, surpreendente, singular,

e diria, enfim, inesperada coincidência, pois acabei de vir do moinho e não encontrei qualquer lobisomem por lá! Suponho que já andam a tentar arranjar matéria para os sarilhos inoportunos dos 4 *Quadrantes*...

Perante aquele argumento, eles arrumaram o lobisomem e a maldição do moinho numa gaveta do pensamento.

Acompanhados pelo embaixador, entraram na sala.

As três mulheres interromperam a conversa e olharam para o grupo recém-chegado. A governanta levantou-se e procedeu às apresentações.

A *mademoiselle* Louise tinha uns óculos com armação metálica pousados na ponta do nariz adunco e os caracóis grisalhos apanhados na nuca. Aproximou-se e estendeu-lhes a mão.

– Muita prrrrazer!

Embora os amigos tivessem avisado de que a senhora fazia questão em falar português – uma algaraviada exagerada de érreres e completa ausência de concordâncias –, os dois irmãos tiveram grande dificuldade em engolir o riso e procuraram não olhar para os outros, para não se desmancharem. Afortunadamente – o Vicente jurava que fora positivamente para os salvar da aflição –, o embaixador interveio:

- O nosso amigo Vicente é um habilidoso *traceur*.
- *Un traceur?! Ohlálá!! Ça c'est formidable!*
- *C'est vrai, mademoiselle: mon frère est un traceur formidable!*

A avaliar pelo olhar de Vicente, a Constança quase se arrependeu do que havia dito. A rapariga suspendeu a respiração à espera que o irmão (a) desatasse a rir, (b) sugerisse que colocassem um colete de forças na irmã, (c) a nomeasse para o *grammy* de quem-consegue-dizer-maior-número-de-disparates-por-segundo.

Ela só pretendia mostrar o que aprendera nas aulas de Francês!

Mais uma vez, o embaixador desviou o assunto:
– *Mademoiselle*, antes de vir para casa, passei pelo moinho. O empreiteiro assegurou que as obras ficarão prontas dentro de poucos dias.

– *Quelle bonne nouvelle, monsieur!* Isso querrrrr dizer que eu possa abrrrrrrre o minha *atelier*, muita brrreve. Muita bem, muita bem!

O senhor Meneses sentou-se na sua poltrona favorita e retorquiui:

– Queira explicar-nos qual será, precisamente, o seu trabalho.

– Ah! Eu estar muita ...aaaaa... como ssa diz? – e virou-se para a governanta, para que a socorresse

na escolha da palavra correta. Contudo, a amiga nem necessitou de se esforçar, porque ela meteu prego a fundo. – Sim, eu estar muita entusiasmado parrra começar! A condessa de Palmela ser muita meu amiga e pedirrr-me parrra rrrrestaurrrr alguns peças da seu coleção de arte.

– É conhecida a qualidade verdadeiramente excepcional das peças artísticas reunidas, ao longo dos séculos, pela família da Casa de Palmela – comentou o embaixador.

– *C'est vrai, monsieur* – concordou a francesa. – Obras da esculturrra, pinturrra, porrrrcelana, ourrr-rivesarrria, joalharrria, mobiliárrrio... *Magnifiques pièces!*

– Ficam a saber que o duque de Palmela traduziu os Lusíadas para uma edição a publicar, em 1814, em Londres – informou o senhor Meneses, virando-se para os jovens. – E que, tal como Alexandre Herculano foi o arauto da defesa do património português abandonado à destruição na primeira metade do século XIX, também a família de Palmela pode ser considerada protetora de artistas, difusora do património e da educação artística.

– *Bien sûr, monsieur!* E convém não esquecer que o senhor da Casa da Calharrriz foi bispo da Lamego e embaixadorrra de Porrrtugal em Rrrroma.

O Lucas levantou uma sobrancelha e planeou mentalmente os próximos passos do grupo: visitar o moinho maldito e o palácio de Calhariz. Estas férias até poderiam não ser tão secantes como imaginavam; entre lobisomens que amaldiçoavam moinhos e uma casa com tesouros seculares, haveriam de arranjar diversões!

– De todas essas obras de arte, qual é a preferida de *mademoiselle* Louise? – atreveu-se a Ema.

– *Ma chère*... aaaa... é muita difícil escolher. Digo que adorro a baixela do Marrquês de Angeja, um obrrrra *admirable* do célebrre ourrrives Henry August, que fez peças utilizadas no cerrrimónia de corroação de Napoleão. E também adorro uma das peças que vou recuperrrar: a berrrço de baloiço, *le lit en gondole*, utilizado para embalar muitas gerações do Casa de Palmela.

– O que é uma baixela? – questionou a Constança timidamente.

Nesse momento, a *demoiselle* Mirelle, que se mantivera despercebida até ao momento, interveio num nível de português extraordinário e invejável (era uma luso-descendente, e a mãe sempre fizera questão em falar na língua materna):

– Tal como as modas mudam de século para século, de anos para anos, o mesmo se passou com

a alimentação. No final do século XVII veio de França uma nova moda de servir banquetes: o «serviço à francesa»...

– E todas as pessoas seguiam essa moda? – interrompeu a Ema.

– Claro que não! Só os membros da nobreza e a corte davam festas esplendorosas.

A tal diferença de classes..., pensou o Vicente enquanto ouvia a *demoiselle*. Relembrou a aventura anterior: no Parque de Pedras Salgadas foram plantadas árvores, para que, quando o rei frequentava o espaço, o povo não passasse a linha assinalada pelas árvores. Na altura, tinham ficado a matutar sobre o assunto: por que é que haveria de existir diferenças entre as pessoas, em virtude do nascimento? Aqueles que nasciam no seio de famílias privilegiadas eram uns sortudos!

– Ao longo dos banquetes, os criados não serviam os alimentos – continuou a *au pair*. – Colocavam-nos em cima da mesa junto de cada convidado, que se servia a si próprio. Eram necessárias muitas peças para que todos tivessem perto de si a enorme variedade de alimentos que se apresentavam na época. E foi assim que, perante as encomendas de reis ou nobres, os famosos ourives parisienses

deram largas à imaginação e criaram fabulosos serviços em prata: as baixelas.

– O mesa brrrilhava durrrante todo a banquete! A prrrata reflete a luz e a luz das velas nos castiçais torrrnava-se muita mais forrrte. Errra uma verrr-dadeirrra espetáculo! – exclamou a *mademoiselle* Louise, acenando a cabeça com tanto entusiasmo que os caracóis bailaram na nuca.

Pelo canto do olho, a Ema viu o ar enlevado de Constança. Quase lhe adivinhava o pensamento. E não andava longe do que supunha. *Banquetes, bailes, lindíssimos vestidos compridos... Ah, como eu gostava de ter vivido naquele tempo!*, divagava a Constança.